

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO BACHARELADO EM LETRAS

MIRELE VANESSA STEFANI

UM OLHAR SOBRE A VELHICE FEMININA NA OBRA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

PORTO ALEGRE 2022

MIRELE VANESSA STEFANI

UM OLHAR SOBRE A VELHICE FEMININA NA OBRA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Francês.

Orientadora: Márcia Ivana de Lima e Silva

Porto Alegre, 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe Carmen (*in memorian*) e à minha tia Sílvia (*in memorian*), por terem sido o meu Norte na vida, minhas melhores amigas.

Gostaria de agradecer também ao meu amigo Moishele por sempre me incentivar a seguir escrevendo.

E, finalmente, ao Wellington, sem cujo apoio e amor eu nunca teria chegado até aqui.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar a forma como Lygia Fagundes Telles trabalha a representação da velhice feminina em sua obra por meio do exame dos dramas presentes das personagens e seu desenvolvimento narrativo. Com ênfase nas obras “As Horas Nuas”, “As Meninas” e nos contos “Senhor Diretor” e “Boa Noite, Maria”, a representação da velhice feminina está atrelada a uma visão geral das mulheres e de seus dramas pessoais, que têm um desenvolvimento pensado na perspectiva de uma busca pelo realismo, tanto das relações interpessoais quanto das subjetivas, onde se busca apresentar as várias facetas da mulher e as angústias experimentadas por elas. Como base comum que liga essas diferentes representações, pode-se notar que as mulheres da ficção de Lygia Fagundes Telles geralmente têm vidas extremamente problemáticas, vazias e infelizes. A velhice feminina do ponto de vista das personagens pode ser descrita como análoga a uma doença incurável. E como tal, ela possui “sintomas” que são expostos quando a narrativa coloca o holofote sobre o lado psicológico delas, iluminando seus sentimentos, seus temores e suas reflexões. As mulheres retratadas nos romances e nos contos não conseguem se sentir bem com a idade e aceitar a inevitabilidade do envelhecimento, o que provoca certas atitudes em comum ao longo das histórias. Por meio de um diálogo com a filosofia, em especial com o existencialismo francês, busco refletir a respeito da condição própria da velhice vivenciada pelas mulheres.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles, literatura, velhice, mulheres.

ABSTRACT

The main goal of this monograph aims to analyze the way in which Lygia Fagundes Telles works with the representation of female old age in her work by examining the dramas of the characters and their narrative development. With emphasis on the works “As Horas Nuas”, “As Meninas” and the short stories “Senhor diretor” and “Boa noite, Maria”, the representation of female old age is linked to an overview of women and their personal dramas, which have a development thought of in the perspective of a search for realism in both interpersonal and subjective relationships, where it seeks to present the various facets of women and the anguish they experience. As a common basis that links these different representations, it can be noted that the women in Lygia Fagundes Telles' fiction generally have extremely problematic, empty and unhappy lives. Female old age from the characters' point of view can be described as analogous to an incurable disease. And as such, she has “symptoms” that are exposed when the narrative puts the spotlight on their psychological side, their feelings, fears and reflections. The women portrayed in novels and short stories cannot feel good about their age and accept the inevitability of aging, which causes certain attitudes in common throughout the stories. Through a dialogue with philosophy, especially French existentialism, I seek to reflect on the itself condition of old age experienced by women.

Keywords: Lygia Fagundes Telles, literature, old age, women.

SUMÁRIO

1. **Introdução.....p.7**
2. **As diferentes faces das mulheres: entendendo o ferramental narrativo de Lygia Fagundes Telles.....p. 9**
3. **A representação feminina: uma perspectiva filosóficap.13**
4. **A representação da velhice feminina.....p. 21**
5. **A visão da velhice como doença incurável.....p. 29**
6. **Considerações finais.....p. 37**
7. **Referências.....p.38**

1. INTRODUÇÃO

A literatura pode ser vista como uma ferramenta útil para expor problemas que se relacionem com diferentes questões da vida humana, desde àquelas relativas a complexos arranjos socioeconômicos às circunscritas a um “olhar para si mesmo”. A ficção, e a literária em especial, não existe apenas como mera distração ou entretenimento, mas são instrumentos poderosos que, por conectar com nossos sentimentos e nos fazer vivenciar experiências através dos personagens ali presentes, causa-nos uma forte impressão que se assemelharia com o ato de experimentar diretamente o que fora narrado na obra. E justamente por conta desse poder, ela é uma grande aliada para, dentre outras coisas, elaborar reflexões sobre questões existenciais sobre a vida, sobre o mundo e sobre toda a sorte de problemas que atizam a curiosidade humana.

Sabendo desse poder que a literatura tem para a exploração de problemas semelhantes àqueles tratados pela filosofia — e não raro encontramos exemplos de filósofos que já usaram da literatura para explicar e difundir suas ideias — tomo-a para investigar a questão da velhice feminina e como o envelhecer afeta a mulher, tanto no âmbito social quanto, e em especial, na esfera da sua subjetividade. Mas por que esse tema em especial? Esse tema me inquietou por me deparar com a discrepância de valores que comumente são atribuídos à velhice de homens e de mulheres. Vemos, por exemplo, que um homem que, aos 40 anos, opta por não ter filhos ainda fez uma escolha madura por ter se focado em sua carreira ou por ter esperado o tempo necessário para seu maior amadurecimento. Acredita-se que assim poderá ser um bom pai. Por outro lado, uma mulher que não tem filho aos 40 anos é velha demais para ser mãe. Também é comum que um homem de meia-idade que se relaciona com uma mulher da casa dos vinte anos não seja visto com grande estranheza; uma mulher de meia-idade, em situação semelhante, é, muitas vezes, tida como aquela que está num relacionamento em que o homem talvez tenha algum interesse escuso. Interesse-me em refletir sobre os efeitos que pesam sobre as mulheres em razão dessa discrepância de juízo de valores presentes na sociedade, tanto nas interações delas com outras pessoas quanto no âmbito subjetivo e existencial. Afinal, qual o sentido e o valor da vida de uma mulher velha?

Tomo a obra de Lygia Fagundes Telles como um pivô para traçar essa investigação. A escolha não é por mero capricho: Nela, a representação das mulheres é pensada na perspectiva de uma busca pelo realismo tanto das relações interpessoais quanto das subjetivas. Em suas histórias, busca-se apresentar as várias facetas da mulher e as angústias experimentadas por elas: a mulher abandonada, a mulher abusada, a mulher traída, a mulher adúltera, a mulher que se casa por

interesse, a filha de pais ausentes. Em comum, essas representações expõem mulheres com vidas extremamente problemáticas, vazias e infelizes. Dificilmente veremos em Lygia Fagundes Telles mulheres bem resolvidas consigo mesmas e felizes. Acredito que a razão para não vermos mulheres felizes está no interesse em explorar os dramas psicológicos e existenciais vividos pela mulher em relação a natureza humana e às convenções sociais. Ou seja, pensar a mulher diante do “mundo como ele é” e da hipocrisia em torno de certas convenções sociais.

Penso que é necessário passar pela compreensão da representação que Lygia Fagundes Telles tem da mulher, de forma geral, para depois adentrar na especificidade da velhice enfrentada por essas mulheres. A razão de acreditar nisso é que, se pararmos para observar, as implicações existentes no drama e nos dilemas vividos pela mulher são necessariamente relacionados com os dramas posteriores enfrentados quando estas se tornam idosas, uma vez que o que traz a especificidade da velhice feminina em relação à vida pelos homens é justamente o conjunto de juízos de valor implicados na experiência própria de ser mulher. Portanto, para se compreender a velhice feminina, deve-se primeiro compreender a experiência feminina como um todo.

Por esse motivo farei uma divisão em duas partes: em primeiro lugar, expor a representação feminina mais geral nos contos e nos romances de Lygia Fagundes Telles, além de compreender os fundamentos dos quais parte na maneira como constrói seus personagens; em seguida, apontar sobre a representação da velhice nas mulheres e as discussões que a autora levanta a partir dela.

2. AS DIFERENTES FACES DAS MULHERES: ENTENDENDO O FERRAMENTAL NARRATIVO DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Lygia Fagundes Telles tem como uma das marcas de sua obra literária, seja nos contos ou nos romances, uma atenção especial que dá ao desenvolvimento das personagens femininas e seus dramas internos. Reconhecidamente vista pela crítica literária de viés feminista como uma das principais autoras engajada em temas sociais ligados às causas do movimento ¹, nos seus textos encontram-se diferentes tipos de representações femininas que se dão de diferentes modos.

Em Lygia, conseguimos traçar alguns arquétipos de personagens que, ao seu modo, se relacionam com dramas e com diferentes tipos de experiências de vida feminino. Em comum, no entanto, não costumam serem representações felizes. O arquétipo numa narrativa possui a função de ser o veículo onde o autor utiliza para colocar dramas e conflitos humanos na história, servindo, tanto para criar identificação com o leitor quanto para explorar elementos psicológicos que servem ao objetivo ou à mensagem daquela história². Lygia faz uso de perfis representativos de mulheres reais em seus personagens, geralmente evocando alguma discussão ou reflexão sobre aquele perfil psicológico e sobre o reflexo de suas ações na trama.

Para evidenciar o uso desse recurso pela autora, posso tomar algumas personagens marcantes do cânone de Lygia Fagundes Telles em que a autora utiliza arquétipos de mulheres para explorar estes perfis psicológicos em sua narrativa, iniciando com a do conto “Felicidade” como exemplo. Nesse conto narra-se a história de Teresa, uma mulher que é marcada por um sentimento de recalque que contamina negativamente a si mesma e aos outros a sua volta. Inicia-se sua história quando ela descreve a compra um apartamento recém-construído sendo a primeira inquilina do condomínio que, aos poucos, vai se tornando sujo e decadente à medida que outras pessoas vão morar ali. É possível traçar, logo aqui, um paralelo com o estado progressivo de “alma” que, aos poucos, vai se “sujando” com pensamentos mesquinhos, corrompendo-a:

1 GOMES, Carlos Magno. (2015) – *As faces da escritora no romance de Lygia Fagundes Telles*. Errâncias do imaginário. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, pp. 57-58.

2 O pesquisador Sílvio Antonio Luiz Anaz, explorando a teoria dos arquétipos junguiana no contexto da criação de roteiros e da construção de personagens nas mídias audiovisuais, define que os arquétipos de personagens “podem ser entendid[os] como padrões cognitivos que medeiam a relação do ser humano com o mundo, atuando no processo de interpretação e atribuição de significados aos objetos e ações” (ANAZ, Sílvio Antonio Luiz . *Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries*. Significação, São Paulo, v. 47, n. 54, p.256). Acredito que mesmo que geralmente essa expressão seja aplicada mais comumente ao pensarmos o cinema e os seriados, ela pode ser útil para pensar a literatura à medida que podemos conceber a noção de perfis identificáveis de tipos diferentes de personagens.

Há quatro anos fora a primeira inquilina a chegar no prédio recém-construído, cheirando a tinta fresca. As paredes tinham sido pintadas com um tom rosa-vivo e o sol batia em cheio no pátio todo respingando de cal. Instalou-se no pequenino apartamento do primeiro andar, colocou cortinas de cassa azul nas vidraças e um grande vaso de gerânios vermelhos no peitoril da janela. ‘Esta é a minha chave e este é o meu canto’, pensava todas as tardes ao voltar do emprego. [...] Mas aos poucos começaram a chegar os inquilinos. Em menos de um mês abriram-se todas as venezianas que davam para o pátio e foram aparecendo gaiolas velhas, latas com plantas, varais que se multiplicavam numa despudorada promiscuidade de roupas íntimas. O tom rosa do paredão foi escurecendo, marcado por estrias negras de goteiras e escarros. Abriram-se rachões ao longo dos canos, por onde as baratas fervilhavam e, como se houvesse uma combinação tácita, dos apartamentos superiores tornou-se hábito atirar lixo pela janela da cozinha. De vez em quando, ouvia-se o barulho de um pacote a se espatifar sonoro no cimento sempre úmido: poof! E imediatamente algumas cabeças apontavam nas janelas.

— Seus desgraçados! Esta área já está um fedor que não se aguenta!

— Não têm lata em casa, esses porcos...

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.719)

A inveja é uma característica bem marcante de Teresa, que é despertada quando vê pessoas “com os melhores perfumes, o roçar dos mais elegantes vestidos” (TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.720), contrastando com sua realidade no apartamento, onde podia “sentir o cheiro das escamas de peixe apodrecendo no meio do lixo, e vestir roupas ordinárias, e comer nas leiteiras cheirando a leite azedo” (TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p. 720). Essa inveja descamba para o recalque, onde notamos que essa mulher sente necessidade de privar os outros ao seu redor de uma felicidade que ela almejou ter e não conseguiu:

Sorriu. Ia chover, sim. Boa coisa, a chuva. Chuva com trovão, com raios. Piqueniques desfeitos, gente esperando em vão nas portas dos cinemas, das confeitarias. Chuva nos sábados, nas tardes de sábado. Vestidos novos se molhando, sapatos engraxados se chafurdando nas poças d’água, fisionomias amarfanhadas, por que não passa, por quê? E a chuva caindo, ah! caindo cada vez mais forte. Mais forte. Imaginou a noiva descendo do carro sob a tempestade, curvada, furiosa, arregaçando aflita a cauda do vestido, sujando os sapatos brancos na lama. Sem nenhuma importância. Ridícula

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.722)

Outro exemplo que vale a pena destacar é o de Leontina, em “Confissões de Leontina”. A personagem é marcada pelo que poderia ser chamado de “silenciamento”, ou seja, ela representa aquelas mulheres que não têm voz e “não são ninguém”. Leontina é a imagem da mulher pobre que é vista como “sub-humana” que, devido às contingências de sua vida da qual não teve nenhum tipo de controle, acabou perdendo-se. Desde o início, a personagem é retratada constantemente sendo

deixada “de canto” e abandonada por todos que aparecem em sua vida, como a mãe que dá preferência ao seu primo Pedro e a deixa negligenciada. Enquanto Pedro poderia ter o direito de estudar, à Leontina restava apenas fazer comida e cuidar da irmã deficiente, uma situação na qual a divisão do frango carrega uma carga simbólica que representa bem o desfavorecimento de Leontina, conforme relata em suas memórias: “Então me lembrei daquela vez que teve galinha e minha mãe deu o peito pra ele. Fiquei com o pescoço. Não me comprava sapato pra que ele pudesse ter livros.” (TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.319)

Leontina rememora os acontecimentos de sua vida e conduz o leitor a vivenciar os momentos que a levaram até o ponto em que se encontra no início da história — isto é, presa e aguardando um julgamento de um crime que cometera ao se defender de um abuso, e abandonada por todos os homens que cruzaram seu caminho alguma vez.

Aconteceu tudo ao contrário. Minha mãe caiu na estrada segurando a cabeça e Luzia se afogou quando procurava minhoca e eu estou aqui jogada na cadeia. Fico pensando que ele era mesmo diferente porque só com ele deu tudo certo e agora entendo por que merecia um pedaço de carne maior do que o meu
(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.334)

A condição da pobreza costuma desumanizar o indivíduo perante os outros. Leontina é submetida a situações humilhantes carregadas de um teor simbólico no qual ela não é reconhecida como igual, como nesse trecho em que Dona Gertrudes olha os dentes dela:

O padre me levou na casa de uma velha de óculos que começou a me olhar bem de perto. Mandou eu abrir a boca e mostrar os dentes. Perguntou mais de uma vez quantos anos eu tinha e se sabia ler. Respondi que andava pelos catorze e que conhecia uma ou outra letra mas fazia melhor as contas. Ela então apertou meu braço. Deve andar com uma fome antiga disse pro padre. Mas uma assim de perna fina é que sabe trabalhar. Remexeu meu cabelo. Vou cortar sua juba pra não dar piolho ela foi dizendo. Examinou minha mão. Quero ver essa unha cortada e limpa.

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.337)

Em Leontina, conseguimos ver aquela mulher com quem ninguém se importa, que é invisível e não é merecedora de dignidade, de oportunidade, de respeito ou, simplesmente, do direito de ter voz ou de ser ouvida pelos outros.

Em ambos os exemplos de personagens, vemos como Lygia traça o perfil psicológico das mulheres em sua obra para usá-las em prol de seu objetivo que é, como havia citado anteriormente, explorar os dramas e os sentimentos da mulher sob diferentes aspectos, focando-se especialmente na introspecção que cada uma faz sobre sua própria vida e sobre o mundo que a rodeia. Com isso, consegue adentrar no íntimo de questões que dizem respeito à identidade — o que é ser mulher, no fim das contas— e também ao sentido da vida que elas levam.

Questões estas que possuem um “forro” filosófico interessante a ser explorado: “o que eu sou, este que está no mundo” e “pra que serve minha vida?” são questões-chave que estão presentes ao longo da História da Filosofia, como quando Sócrates no diálogo de “A República” aponta que o sentido da vida relaciona-se com o de aproximar-se com o que chama de “A ideia do Bem”, que é a mais elevada essência do conhecimento e da Justiça³; ou quando Epicuro diz que o sentido da vida está em buscar a ausência de dor no corpo e na alma⁴. Em Lygia, vemos, na perspectiva de um pensamento contemporâneo, como o sentido e o valor da vida e a identidade são encaradas. Penso ser importante observar o modo como ela reflete sobre isso em sua obra literária porque, uma vez entendendo suas influências intelectuais e o que fundamenta seu modo de pensar, conseguimos compreender o motivo das representações femininas em sua obra serem da maneira que são.

3 PLATÃO, *A República*, Livro VI, 505 a, Fundação Calouste Gulbenkian, Edição 9ª. 1987; DE PAULA, Henrique Gonçalves. *Sobre a Caracterização da Forma do Bem no Livro Vi da República e a Superioridade Moral e Política do Filósofo Rei.* Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia 1.02 (2009): 74-89.

4 “The elementary sensations of pleasure and pain, accordingly, rather than abstract moral principles or abstract concepts of goodness or badness, are the fundamental guides to what is good and bad, since all sentient creatures are naturally attracted to the one and repelled by the other.” (KONSTAN, David, *Epicurus*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2022 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/epicurus/>>. Acesso em 29 de Setembro de 2022.)

3. A REPRESENTAÇÃO FEMININA: UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA

Lygia Fagundes Telles entendia o escritor como testemunha de seu tempo, o que significa que em sua opinião o escritor atua no mundo como quem absorve os acontecimentos ao seu redor e a maneira como a sociedade funciona e os transforma em ficção. Essa perspectiva sobre a literatura explica o comprometimento com o realismo em sua narrativa, que ela denomina como “lucidez”. Em um episódio da série da TV PUC chamada “O Escritor por Ele Mesmo”, em 1997, Lygia Fagundes Telles menciona como encara essa “lucidez” em oposição a uma visão pessimista, que encara como derrotista, e a otimista, que seria idealizada:

Eu gosto muito de um ensaísta romeno chamado [Emil] Cioran. Cioran pede ‘pelo amor de Deus, não sejam pessimistas, e sim lúcidos. Não confundir o pessimismo com a lucidez’. Eu tento não confundir o pessimismo com a lucidez porque a lucidez exatamente é essa porta que se abre e nos oferece, segundo Cioran, mesmo na desilusão, uma saída, que é a saída da ilusão. Cioran acredita que a desilusão é a porta errada. O que é importante é a ilusão, o sonho.

(INSTITUTO MOREIRA SALLES, *O escritor por ele mesmo: Lygia Fagundes Teles (áudio restaurado)*. Youtube, 16 de abr. de 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watchv=X5i4o5lFvRw&ab_channel=imoreirasalles. Acesso em 29 de setembro de 2022.)

A forma como ela representa as mulheres em sua obra não é sempre atemporal e universalista, mas está inserida num contexto histórico e social especificado, o qual interfere na maneira como as personagens atuam. Fatores que estão normalmente fora de controle das personagens, tais como a condição financeira que possuem, o lugar onde vivem, a estrutura familiar, a idade, afeta diretamente no desenrolar de suas escolhas na trama das histórias que estão inseridas.

Por essa razão, Lygia Fagundes Telles busca se atentar à realidade em suas representações femininas e fugir (ou mesmo se opor) às representações idealizadas de como as mulheres são ou mesmo de seus relacionamentos. E, por partir do real como fundamento para sua literatura, acredito que a bagagem de suas perspectivas filosóficas a respeito do que constitui e dos limites da natureza humana interferem essencialmente no desenvolvimento dos seus personagens e, por consequência, na forma que são representados.

Embora seja possível interpretar que o tom de sua narrativa tem por objetivo ser uma literatura engajada em torno de questões feministas, a mim parece que, na verdade, sua narrativa

não busca ser primariamente “denuncista” em torno de problemas sociais. Ainda que claramente ela exponha problemas sociais em suas histórias, sua preocupação é primariamente da ordem do “subjetivo”. Isto é, ela quer refletir primariamente questões existenciais de diferentes tipos com suas personagens e o que provocou as angústias experimentadas em suas vidas.

A crítica literária Walnice Nogueira Galvão identifica em Lygia Fagundes Telles um foco especial nas relações interpessoais e em personagens que olham para dentro de si, percebendo o mundo ao redor de sua subjetividade. Nogueira Galvão associa essa característica de construção de personagem com a condição mesma da figura da “mulher escritora” na Literatura:

[...] Lygia subscreve as palavras de Simone de Beauvoir, dizendo que a história moldou o ponto de vista das mulheres escritoras. Confinou-as em espaços limitados (lar, igreja), proibiu-lhes o grande mundo das realizações pessoais com seus encantos e perigos, cortou-lhes as asas, enfim. Em consequência, as mulheres voltaram-se para dentro, tanto em casa como em si mesmas. Desenvolveram a percepção do espaço, vendo com maior acuidade tudo ao seu redor, especialmente os laços humanos, bem como a clarividência sobre a própria psique, tornando-se dadas à introspecção.

(NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. Posfácio in TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.740)

Por voltar os olhos para a vida mundana e para os pensamentos de seus personagens, a narrativa de Lygia Fagundes Telles conduz para um tipo de reflexão direcionada diretamente para a psiquê de cada figura ali representada. E qual o efeito que isso pode gerar numa história? O aprofundamento de dilemas e a exploração de conflitos de natureza psicológicos profundos, por vezes que se relacionam com questões relativas à identidade, ao valor da vida e aos códigos morais. No caso, a escritora dedica sua narrativa a analisar como tais dilemas citados estão presentes na pessoa da mulher (ou, na verdade, nos diferentes tipos de mulheres que existem, do que partilham em comum e no que têm de específico).

Posso citar, como exemplo, o caso de Maria Emilia do conto “Senhor Diretor”, onde ela é uma professora aposentada que redige mentalmente uma carta que pretende escrever ao diretor do Jornal da Tarde, reclamando do que vê como depravação sexual e moral da juventude, sendo que fica claro ao leitor que, na verdade, Maria Emilia é que é mal resolvida consigo mesma e com sua intimidade.

[...] Senhor Diretor: antes e acima de tudo, quero me apresentar, professora aposentada que sou. Paulista. Virgem. Fechou os olhos, virgem, virgem verdadeira, não é para escrever mas

não seria um dado importante? Desabotoou o segundo botão, a blusa encolheu na lavagem ou seu pescoço estava mais grosso? Sentiu-se desalinhada, descomposta, mas deixa eu ficar um pouco assim, está escuro, ninguém está prestando atenção em mim, nem no claro prestam, quem é que está se importando, quem? E se por acaso o certo for isso mesmo que está aí? Esse gozo, essa alegria úmida nos corpos. Nas palavras. Esse arfar espumante como o rio daquelas meninas, aquelas minhas alunas que eram como um rio, tentou detê-lo com sua voz rouca, com seus vincos e o rio transbordou inundando tudo, camas, casas, ruas... E se o normal for o sexo contente da moça suspirando aí nessa poltrona — pois não seria para isso mesmo que foi feito? Virgem, Senhor Diretor. Que sei eu desse desejo que ferve desde a Bíblia, todos conhecendo e gerando e conhecendo e gerando, homens, plantas, bichos. Mamãe tinha medo do sexo, herdei esse medo — não foi dela que herdei?” (TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.160-161)

Mesmo que não tenha escritos tratados ou livros voltados especificamente à filosofia em sua literatura, acredito que é possível encontrar indícios que possam apontar a maneira que encarava certas questões existenciais que guiavam seu pensamento. Um exemplo disso é a discussão sobre o valor da vida em “Apenas um saxofone”, onde Luisiana encara que a vida luxuosa que obteve num casamento com um homem rico era consideravelmente mais vazia e com menos valor que o antigo relacionamento com o saxofonista: “Quero deixar bem claro que a única coisa que existe para mim é a juventude, tudo o mais é besteira, lantejoulas, vidrilho. Posso fazer duas mil plásticas e não resolve, no fundo é a mesma bosta, só existe a juventude” (TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.35)

Mais do que apontar os desfavorecimentos femininos, a representação feminina de Lygia Fagundes Telles discute a questão geral da natureza humana. Quando se trabalha tal assunto, direcionamos nosso olhar ao que está por trás das nossas escolhas e desejos, sejam eles conscientes ou não. Noutras palavras, nos perguntamos até que ponto podemos moldar a direção que nossos comportamentos tendem a seguir.

Como evidência de que a autora toma esse assunto como base para a construção de seus personagens, tomo o exemplo de Luzia, a menina devorada pelos porcos em “A Recompensa”, que representa uma vida que perdeu o seu valor diante de uma família que, por sua condição de miséria, só se focava na sobrevivência, a encarando não como uma pessoa, mas uma “boca a mais para comer”. A desumanização em razão das condições em que se encontra, despertando o lado mais “animalesco” de seus familiares. Esse conto serve para ilustrar os limites que o homem pode chegar.

[...] que pareceu-lhe tudo tão simples, tão fácil, claro, donos de um sítio. Primeiro, foi a terra que se fechou hostil quando suas mãos a procuraram. Depois, foi Alice. Nasceu Teodoro, a barriguinha inchada, ranhento. Nasceu Luzia. “Veja como ela é bonita!”

exclamou Mauro a enrolar entre os dedos um anel do cabelo da menina. “Mais uma boca, fale assim”, respondia Alice.

(TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.706)

Outro exemplo de como a reflexão em torno da natureza de nossos comportamentos, impulsos e ações existe na obra de Lygia Fagundes Telles é Ana Clara, uma das personagens principais do romance “As Meninas”. Ana Clara é uma mulher que, em sua infância, passou por muitas experiências traumáticas que carregou ao longo de toda a vida, desde experimentar a pobreza até o abuso sexual e psicológico dos amantes da mãe com a convivência desta. O ápice desta primeira fase de sua juventude é encontrar a mãe que há pouco havia cometido suicídio por ter seu bebê morto no ventre em consequência de golpes recebidos do pai da criança. A mãe de Ana certamente passou por uma juventude semelhante.

Minha infância é inteira feita de cheiros. O cheiro frio do cimento da construção mais o cheiro de enterro morno daquela floricultura onde trabalhei enfiando arame no rabo das flores até chegar à corola porque as flores quebradas tinham que ficar de cabeça levantada na cesta ou na coroa. O vômito das bebedeiras daqueles homens e o suor e as privadas mais o cheiro do Doutor Algodãozinho. Somados, pomba. Aprendi milhões com esses cheiros mais a raiva tanta raiva tudo era difícil só ela fácil. Cabecinha de enfeite. Comigo vai ser diferente. Di-ferente repetia com os ratos que roque-roque roíam meu sono naquela construção embaratada di-ferente di-ferente repeti enquanto a mão arrebatava o botão da minha blusa. Onde será que foi parar meu botão eu disse e de repente ficou tão importante aquele botão que saltou quando a mão procurava mais embaixo porque os seios já não interessavam mais. Por que os seios já não interessavam mais por quê?

(TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009, p.41)

Essas experiências causaram uma impressão tão poderosa em seu ser que Ana foi conduzida a buscar comportamentos autodestrutivos, como o alívio com o uso de drogas e seu comportamento de mentir compulsivamente sobre a própria vida, uma tentativa de construir uma fuga de um passado não tão amargo quanto aquele que de fato viveu. Em Ana Clara vemos como ela não teve realmente liberdade de escolha para traçar seu destino.

A liberdade de escolha e autonomia do ser humano foram temas especialmente caros para o existencialismo, movimento filosófico influente em meados do século XX durante o período do pós-guerra que tomava como ética encarar a liberdade como um valor acima de todos os outros,

uma vez que todos os valores estão fundados na liberdade⁵. Filosoficamente, parece que a obra de Lygia Fagundes Telles debate de forma recorrente com esse pensamento, pois é a partir dessa “chave” que o existencialismo debate questões filosóficas como o sentido e o valor da vida.

A autora carrega um tom que busca, a todo momento, ser o mais próximo de como as pessoas realmente se comportam, pensam e agem em relação a si e aos outros. É difícil apontar um exemplo de alguma de suas personagens principais que realmente se tenha libertado de sua condição desfavorável ou que tiveram pleno livre arbítrio para moldar a vida de alguma outra forma. Ao contrário do pensamento existencialista, que estava muito em voga na época de seus escritos e atraiu a atenção de bastantes pessoas, (mais até da literatura do que propriamente da filosofia acadêmica) Lygia Fagundes Telles não parece crer numa libertação do sujeito de sua condição, no sentido como Sartre e Beauvoir acreditavam.

Sartre e Beauvoir, que se influenciaram mutuamente na formação intelectual um do outro, acreditavam que o sujeito poderia usar sua liberdade (inerente à própria condição de sujeito que significa e interage com o mundo) para sair de seu estado de opressão. Isto é, a natureza humana era, de certa forma, maleável o suficiente para que algo como um “novo homem” fosse possível. A negação da verdade dessa alegação é o que Sartre denominou como “má-fé”⁶. É por causa disso que Sartre afirma que “em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define”⁷. (O Existencialismo é um Humanismo, p.4), ou seja, o homem

5 “How is it that values are supposed to be grounded in freedom? By “value” Sartre means those aspects of my experience that do not merely causally effectuate something but rather make a claim on me: I do not just see the homeless person but encounter him as “to be helped”; I do not just hear the other’s voice but register “a question to be answered honestly”; I do not simply happen to sit quietly in church but “attend reverently”; I do not merely hear the alarm clock but am “summoned to get up.” Values, then, as Sartre writes, appear with the character of demands and as such they “lay claim to a foundation” or justification (SARTRE, Jean-Paul. *Being and Nothingness*, New York: Washington Square Press, 1992.). Why ought I help the homeless, answer honestly, sit reverently, or get up? Sartre does not claim that there is no answer to these questions but only that the answer depends, finally, on my choice of “myself”, which cannot in turn be justified by appeal to a value. As he puts it, “value derives its being from its exigency and not its exigency from its being.” The exigency of value cannot be grounded in being itself, since it would thereby lose its character as an ought; it would “cease even to be value” since it would have the kind of exigency (contrary to freedom) possessed by a mere cause. Thus, against then-current value-theoretical intuitionism, Sartre denies that value can “deliver itself to a contemplative intuition which would apprehend it as being value and thereby would derive from it its right over my freedom.” Instead, “it can be revealed only to an active freedom which makes it exist as a value by the sole fact of recognizing it as such” (SARTRE, Jean-Paul. *Being and Nothingness*, New York: Washington Square Press, 1992.)”CROWELL, Steven. *Existentialism*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = < <https://plato.stanford.edu/archives/sum2020/entries/existentialism/> >. Acesso em 29 de Setembro de 2022.

6 SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*, Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 89/ *L’Être et le Néant*, Paris: Gallimard, 1943, p.79

7 SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes (1987), p.4 ./ *L’Existentialisme est un Humanisme*, Paris: Les Éditions Nagel, 1966, p. 21.

enquanto ser existente que significa o mundo ao seu redor, e em função disso, não há uma natureza humana pré-existente, universal e a-histórica compartilhada igualmente com todos os seres humanos, como acreditavam os filósofos da Modernidade. É esse o sentido da sua famosa citação “a existência precede a essência”⁸

Lygia, por outro lado, me pareceu bastante reticente com essa possibilidade de transformação: em sua obra não há indício de que ela compartilhe com Sartre e Beauvoir esse fundamento teórico do existencialismo — aliás, Lygia Fagundes Telles não gosta de ser classificada como pertencente a alguma escola de pensamento ou filosofia bem definidos⁹. Não apenas como manutenção de uma postura de “livre pensadora”, esse desconforto parece ser justificável porque sua obra dá a entender que realmente há um ponto de discordância a respeito.

Essa questão filosófica está diretamente relacionada com a maneira como Lygia representa as mulheres em sua obra: ela tenta mostrar o ser humano “como ele é”, em sua natureza mais crua e sincera. Tenta despi-lo das convenções sociais que mascaram a nossa verdadeira natureza. Não é uma natureza em que ela demonstra alguma expectativa de uma transformação radical. De certa maneira, há uma “força externa” que limita o grau possível que nossas escolhas podem alcançar; a liberdade humana não poderia ser, em sua opinião, tão larga quanto Sartre acreditava que era.

Apesar de reconhecer essa condição humana, nos contos e romances estudados, Lygia enfatiza também que, muitas vezes, são as convenções sociais e costumes que catalisam o pior de nossa natureza. Mesmo que não possamos transformá-la ou reescrevê-la como se fosse uma folha de caderno em branco, é a cultura que alimenta sentimentos e comportamentos destrutivos.

Essa opinião de Lygia se faz notar quando confronta a noção de liberdade sartreana contextualizada no modo como o filósofo acha que os personagens ficcionais deveriam se comportar numa obra. Em “O Escritor por Ele Mesmo”, Lygia Fagundes Telles questiona a perspectiva de Sartre sobre como as personagens nas obras ficcionais devem ser conduzidas:

Jean Paul Sartre dizia: ‘as personagens têm que ser livres, completamente livres’. Ele detestava um escritor como [François] Mauriac que era um escritor determinista, fatalista. Ele [Sartre] adorava as personagens livres. Eu também gosto delas livres, mas há um momento em que você tem que montá-las, senão elas montam em você e então perde-se o livro e o que estava fazendo. [...] Sartre é muito bonito! ‘liberdade total’! Mas nós temos liberdade total em nossas vidas? Não. Nós somos regidos por uma força que justamente é a

8 SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes (1987), p.4. / *L’Existentialisme est un Humanisme*, Paris: Les Éditions Nagel, 1966, pp. 15-21.

9 DE LA CRUZ CORONADO, Guillermo. *Lygia e a condição humana*. Letras de Hoje 22.1 (1987), p.37

força da natureza, a força de Deus. E é bonito isto porque não há uma escolha, nós somos escolhidos.
(INSTITUTO MOREIRA SALLES, *O escritor por ele mesmo: Lygia Fagundes Teles (áudio restaurado)*. Youtube, 16 de abr. de 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X5i4o5lFvRw&ab_channel=imoreirasalles >. Acesso em 29 de Setembro de 2022.)

Na perspectiva de Sartre, as personagens devem ser totalmente livres, o que compatibilizava com a perspectiva filosófica que advogava, onde o ser humano, enquanto sujeito que significa e interpreta o mundo, é, por definição, totalmente livre em suas escolhas. Unicamente o que impedia essa liberdade total de ser experimentada seria fontes externas que o oprimiriam. Já Lygia possuía uma opinião diferente: essas fontes externas não seriam frutos de estruturas opressivas, mas dadas pela natureza e intransponíveis, que ela identifica como “a força da natureza, a força de Deus” que interfere e condiciona nossas escolhas e comportamentos.

Lygia não teve a pretensão de criar uma teoria ontológica original ou pertencer a uma corrente filosófica em particular, mas como aponta Guilherme de La Cruz Coronado, seu caminho intelectual não fora meramente na esteira da moda intelectual existencialista. Sua obra claramente possui cuidado e está carregada de conteúdos existenciais que permeiam seus textos, explorados de maneira nada leviana, mas com profundidade quanto ela se aventura na introspecção:

A consciência dessa finitude provoca o surgimento de uma série de existências, alguns dos quais podemos recordar, em ordem mais ou menos causal: limitação-insegurança-medo-angústia. A angústia do *hic et nunc* é, pois, o final de um processo dialético iniciado pela consciência da condição pessoal como ser precário e contingente, reduzido a um tempo e espaço determinados e impostos. Passado e futuro atuam sobre nossa identidade como muros compressores que nos demarcam e ao mesmo tempo nos ‘definem’, revelam nossa ‘finitude’, assinalam nossas fronteiras entre das quais nós somos e nos reconhecemos como indivíduos, como singulares. (DE LA CRUZ CORONADO, Guillermo. *Lygia e a condição humana*. Letras de Hoje v. 22, n. 1, 1987, p.42)

A finitude da existência é um conteúdo fortemente associado às ansiedades e aos dramas da condição humana. A percepção de que a vida possui um limite evoca os questionamentos existenciais da limitação-insegurança-medo-angústia¹⁰, que se tornam especialmente marcantes quando nos deparamos com a fase da vida que nos aproxima mais desse fim: a velhice. É a partir das angústias advindas do drama existencial humano com o final vindouro da própria existência que olharei com atenção, também, a especificidade que há nessa mesma experiência vivenciada pelas

10 DE LA CRUZ CORONADO, Guillermo.. *Lygia e a condição humana*. Letras de Hoje v. 22, n. 1, 1987, p.38

mulheres e como ela afeta a “percepção de si” das mulheres idosas em relação ao seu “eu” jovem e aos outros.

4. A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE FEMININA

A velhice aparece na obra sob a perspectiva das personagens que a vivenciam. Qual a impressão que elas têm da experiência do envelhecimento? Geralmente elas entendem que é uma condição negativa e desfavorável. Por meio da análise do modo como as personagens de Lygia Fagundes Telles encaram a velhice, salientarei alguns aspectos importantes que estão relacionados a como o envelhecimento é encarado pelas mulheres

Rosa Ambrósio, protagonista de *As horas nuas*, é um exemplo emblemático: Ela encara a sua própria velhice como sinônimo de sua decadência, em vários aspectos da vida: decadência na carreira de atriz, no relacionamento, no modo de encarar a vida. Para ela, a velhice é algo melancólico, triste, uma situação da qual ela não consegue simplesmente aceitar e se conformar. De forma recorrente, durante todo o romance, ela confronta a própria idade e sente repulsa pelo papel social que ela se vê no dever de cumprir, tendo como um exemplo marcante dessa sua maneira de enxergar a velhice o fato de lamentar-se por não poder ser mais escolhida para representar papéis femininos jovens.

Vimos a peça juntos numa noite em Paris, delirei! Gregório, traduza essa peça, quero esse papel! E ele me olhando, mas eu não estava velha demais para a personagem? Não disse isso, é claro, vi nos seus olhos. O café tão alegre, a fumaça, o vinho. E o olhar me dizendo que o papel da moça romântica e do gato consolando a moça. Okey, papel ingênuo, coisa de mocinha, ridículo uma atriz da minha idade, entendi.

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.41)

O caso da Rosa Ambrósio pode servir de ligação para uma reflexão mais geral da velhice feminina, uma vez que a partir dela podemos observar particularidades dessa experiência de vida que diz respeito às mulheres, como, por exemplo, sua obsessão pela beleza e o sofrimento que experimenta ao envelhecer.

Algo importante para se notar em *As horas nuas*, que se associa diretamente com a experiência feminina do envelhecimento, é o pedestal que a beleza se encontra em relação à constituição do valor que uma mulher têm perante si mesma e perante os outros. É possível perceber as várias referências à degradação da beleza na velhice e o como isso faz com que Rosa Ambrósio veja em si que há uma “perda de valor” dela enquanto pessoa, o que faz com que ela sinta, ao mesmo tempo, asco com a própria ideia de velhice (sobretudo quando menciona de sua

filha que se relaciona com homens de idade mais avançada) e também algo como uma inveja por quem tem a juventude que já não mais a pertence:

Bebo sem vontade, por que estou assim amarga? Vai ver é inveja, estou ficando velha e me ralo de inveja dos jovens que vêm cobrindo tudo feito um caudal espumante, o ralador da inveja rala mais fundo do que o ralador de queijo. Inveja de Ananta, inveja de Cordélia — também de Cordélia? É claro, inveja de minha filha. Sou um monstro, digo e me cubro com uma blusa. Espera, não é tão simples assim, a verdade é que eu queria apenas uma filha normal — será pedir muito? Podia ser livre, podia morar longe com sua tropa de amantes, aceito. Mas não precisava ser uma tropa de velhos. Diogo tem trinta e quatro anos presumíveis, Cordélia é mais moça. Faz diferença porque sou mulher, hem?!... Nenhuma diferença, ela responde. Essa analista idiota aí em cima.”

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.26)

A personagem encarna essa perspectiva negativa em relação à velhice. Diante de seu projeto pessoal de registrar suas memórias de vida, Rosa Ambrósio é posta numa situação em que ela encara o seu “ser” em três tempos diferentes: passado, presente e futuro. A rememoração a força a colocar-se num estado em que reflete sobre sua própria identidade, sobretudo a respeito do que “ela foi” quando jovem em oposição “ao que se tornou” naquele momento, além de um olhar diante do que “ela será”.¹¹ Enquanto ela relembra a juventude e suas qualidades, lamenta o estado da velhice e o que inevitavelmente perdera:

Enfim, acho que nunca mais vai me acontecer nada, eu disse e a Lili riu a risadinha de anãozinho da floresta, hi, hi, hi!... Entrou de novo no delírio das viagens, trouxe prospectos, dólares, um cruzeiro marítimo. Então eu quis explicar calmamente que não é bom ficarmos exibindo a velhice nessas viagens, a velhice é obscena, querida. Fiquei quieta e olhando seus sapatos decotados e provavelmente apertados, pensa que tem pés pequenos. Califórnia, Lili? Mas lá é só agressão, violência, montanhas de mortos nas estradas, nos cafés, hem?! Ela franze a boquinha mimosa, Que bobagem, nunca vi um lugar com tanta vontade de vida. Laranjas douradas, uvas douradas! E os homens, então? Verdadeiros deuses. Okey, chuparemos as uvas mas agora eu queria ficar neste programa modesto, posso? Programa modestíssimo de uma abelha tonta resvalando para o chão macio, ô delícia!...

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.49)

— Nada se perde! Dionísia, hoje tenho Ananta? Hem?!... Ninguém responde. Lá vou me apoiar na muleta de vidro, fico falando e quando seca o cuspe ela diz, Continue. Milhares de explicações que não explicam. Não sei o que essa pobre jovem pode fazer por mim. Nem ela nem um analista velho que os velhos já estão surdos, exauridos, tantos teoremas. Sem falar nas hemorroidas, nos enfisemas, nos gases. Afundados até as orelhas no próprio pântano, quem quer saber? Eu poderia gastar todo o

11 SCHWERTNER, Márcia Regina; BODNAR, Regina. *Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles*. Estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 56, e569, 2019, p.3,

cuspe do mundo explicando e não explicava, o que interessa está escondido. Eu Sei Tudo, dizia a revista da mamãe. Respondo agora, eu não sei nada. Sei que o corpo é do Diabo porque foi depois que rompi com meu corpo que me aproximei de Deus.
(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.57)

Rosa Ambrósio é uma pessoa triste e inconformada com a idade. A passagem do tempo acaba tornando-se difícil para ela, pois é ali que ela se vê progressivamente num estado onde não consegue ver perspectiva de melhora por não ver mais como poderia ter de volta as coisas que valorizava na vida.

Pode ser dito que Lygia Fagundes Telles quebra com a idealização da velhice, ou seja, a noção de que a velhice é um bom momento em que nos tornamos mais sábios e virtuosos; a idealização da “vovó”. Assim como ela faz com a representação feminina, Lygia mostra como a velhice é encarada de fato na ótica de quem a vivencia e também “do outro” — isto é, daquele que não é idoso —, que a vê como algo ainda distante dele próprio. Rompendo-se com essa idealização, não veríamos mais a velhice com a máscara que costumamos colocar nela, mas sim como ela realmente aparece em nossa sociedade, ou seja, notar que na velhice “apenas perdemos poderes e nos afundamos em nossas limitações”, como comenta Márcia Regina Schwertner e Roseli Bodnar sobre a personagem¹² Como contraponto a essa tarefa executada pela autora, posso citar casos na literatura onde essa idealização de faz bastante marcante, como é o caso da personagem Dona Benta, de Monteiro Lobato, Ana Terra e Bibiana, de Erico Verissimo. Em Dona Benta temos uma mulher culta, sábia e letrada, já Ana Terra e Bibiana tem o saber da transmissão oral.

Nesse trecho em que Diogo confronta Rosa Ambrósio, percebemos como a personagem encara as limitações que a velhice causa “se punindo” através do alcoolismo, causado sobretudo por não se conformar com perder aquilo que para ela representava o sentido de sua vida, aquilo que a definia: estar nos palcos e sendo a protagonista de grandes papéis, geralmente reservados às atrizes jovens:

— É simples, Rosa, escuta, você está em pânico porque sente que está envelhecendo. Foge do trabalho, das pessoas, vai acabar fugindo de mim. Rosa Ambrósio, como vou fazer entrar nessa cabeça que não existe outra saída, existe? Para escapar da velhice, querida, só morrendo jovem mas agora não dá mais. A solução é enfrentar sem fazer bico, de bom

12 SCHWERTNER, Márcia Regina; BODNAR, Regina. *Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles*. Estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 56, e569, 2019, p.5

humor, se possível. Enfrentar o touro, vamos fazer uma viagem? Coisa rápida que a hora é de trabalho, Madri, Barcelona, você compra seus perfumes, eu vou às touradas.
— Tenho pena do touro.
— Amo a Espanha. Quero te mostrar a água-furtada onde morei no Bairro Gótico, eh! vidão! Aqui está triste demais, minha geração perdeu a esperança, o povo desesperado. E você com essa mania de velhice, quer ser internada? E isso?
— Não é a idade que me deprime, é o preconceito. A limitação de trabalho.
(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.109)

Além de Rosa Ambrósio, Maria Leonor de “Boa Noite Maria” e Maria Emília, de “Senhor Diretor” são personagens usadas por Lygia Fagundes Telles onde percebemos a temática da velhice com bastante ênfase e de forma mais direta.

Maria Emília é apresentada como uma senhora por volta de seus sessenta anos e que tem o intento de escrever uma carta para a redação de um jornal chamado “Jornal da Tarde”, com o propósito de alertar a respeito do que enxerga como uma depravação da juventude e da sociedade que a cerca. Aparentemente esse comportamento dela não tem apenas um pudor religioso, mas no fim ela parece ter inveja dos corpos das mulheres das propagandas. Ela se sente ofendida porque a propaganda da mulher sensual a faz lembrar de seu corpo velho e que já não possui as qualidades atraentes. Na angústia dela que transpassara em seu pensamento estava o temor e a lamentação diante da passagem do tempo. Isso fica evidente quando, em diversas vezes em sua “carta”, ela demonstra invejar as mulheres com corpos jovens e bonitos e condenar moralmente as representações desses corpos na mídia, como na propaganda e em revistas:

Um cinema? Olhou o céu de um azul-pálido. Puro. Uma pena trocar aquela tarde por uma sala escura mas ir aonde então? Um chá? Mas será que restara alguma confeitaria decente por ali? Ficou olhando, crispada, o homem de cabelos emplastrados que se aproximou para examinar de perto o pôster colorido preso no varal inferior da banca. Ele usava brilhantina e mesmo sem ver-lhe a cara podia adivinhar a cupidez dos olhinhos ramelosos (deviam ser miúdos, ramelosos) colados ao biquíni vermelho da ruiva montada de frente numa cadeira, empinados os bicos dos seios duros.
Botas, chapéu de caubói, um revólver em cada mão. E o biquíni tão ajustado entre as pernas que se via nitidamente o montículo de pelos aplacados sob o cetim, mais expostos do que se estivessem sem nada em cima. Olha aí, Senhor Diretor. A imagem da mulher-objeto, como dizem as meninas lá do grupo feminista.
(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010 p. 156)

Maria Emília é a contradição em pessoa da repressão à sexualidade que sexualiza tudo o mais que cerca o sujeito, expondo a hipocrisia inerente que existe em tal política. Voltando novamente nossa atenção para a personagem e tomando como perspectiva sua condição enquanto velha, o conto parece ter como intenção colocar holofotes sobre os efeitos negativos que decorrem

de criar freios excessivos ao sexo, impedindo as mulheres de serem livres de extravasar esse lado de sua natureza humana. Com efeito, Maria Emília é alguém que teve uma velhice amargurada por causa da série de tabus sexuais que observou ao longo de toda sua vida.

O comportamento dela em relação à sexualidade, de maneira geral, é explicado pela criação que teve de sua mãe, que demonstrara muitos problemas com o sexo. É possível presumir que a mãe de Maria Emília talvez não tenha escolhido o próprio marido e até mesmo que tivesse uma relação abusiva com ele, tendo em vista que era uma experiência comum às mulheres há muito tempo. Podemos notar neste trecho que as crenças de Maria Emília são fruto das coisas que “cresceu ouvindo”, o que denota toda uma cadeia de mães que ensinaram às suas filhas a verem o sexo de maneira negativa, ciclo este que se repetira ao longo de gerações:

[...] agora o nível das discussões vai subir, pensei, e até que no começo ela foi bastante feliz quando fez uma exposição das raízes históricas da condição da mulher, acho tão nobre essa expressão, condição da mulher. E de repente desatou a falar em clitóris, porque o clitóris, o clitóris... E com homens por ali, eu já não sabia onde enfiar a cabeça quando ela contou que não sei mais em que país eles faziam uma incisão no clitóris da mulher para que ela não sentisse nenhum prazer, o sexo transformado em agulheiro — simples instrumento de penetração. [...] Fiquei deprimida, pensando na mamãe que não fez a tal incisão mas que nunca sentiu o menor prazer. E teve oito filhos. Oito. Quarenta anos de casamento sem prazer: um agulheiro calado. Mas já estou enveredando por outros caminhos, que difícil, meus Céus, dizer exatamente o que se deseja dizer, tanta coisa vem pelo meio. A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve... E a Palavra pesada abafa a Ideia leve — escreveu Olavo Bilac, na *Inania Verba*. Meu poeta predileto, Senhor Diretor, sempre gostei de poesia.
(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.157)

Como Maria Emília não pôde experimentar o sexo como poderia ter sido, sente-se ofendida com qualquer imagem (ou mesmo mulher) que exponha quaisquer sinalizações de sexualidade. Além do efeito colateral de, tal como diz o dito popular, “ver pelo em ovo” ao “problematizar” qualquer coisa que vagamente remeta a sexo. A repressão, no fim das contas, só obteve como fruto o sofrimento da mulher reprimida.

Uma outra faceta da condição da mulher enquanto velha é explorada por Maria Leonor, protagonista do conto “Boa Noite Maria”. Ela é uma personagem que representa a faceta da velhice que está atrelada a um temor das consequências que o envelhecimento gera ao corpo e às relações sociais.

Maria Leonor é descrita como uma mulher que é solitária uma vez que não tem grandes expectativas para a vida que está adiante. Seu principal temor que é mostrado no conto diz respeito à degeneração do corpo. Maria teme a debilidade que a velhice gera, tanto que conta a Julius que gostaria que tivesse um amigo que pudesse interromper sua vida para que não tenha que sofrer com a demência degenerativa.

Sem saber bem como, a verdade é que estava só e precisando apenas de alguém que a ajudasse a viver. E a morrer quando chegasse a hora de morrer. Uma morte sem humilhação e sem dor. A morte respeitosa — mas era pedir muito? Precisava de um amigo e não de um assassino, ela concluiu e achou graça. Baixou a cabeça. Tamanho horror pelas doenças aviltantes que deixam a boca torta e o olho vidrado. E a fralda, Ah! Senhor, a fralda não! O amigo tem que amar esse próximo como a si mesmo, se ainda é possível o amor. Permitir que esse próximo amado fique indefinidamente num estado miserável não é cruel? E a compaixão? Seria um simples gesto de compaixão, a morte por compaixão. Vida vegetativa? Mas que vida vegetativa se os vegetais viviam e morriam limpos, sem a baba, sem os cheiros. Os asseados vegetais adoecendo e morrendo na soberba e discreta morte inaparente.

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010 p. 414)

Maria Leonor já demonstrava que tinha problemas de memória — sintomas da doença degenerativa— ao longo da narrativa, de maneira bem sutil e discreta, tal como ocorre na realidade quando esses sintomas aparecem de maneira branda e vão se agravando progressivamente. A percepção de que sua memória vai piorando a faz temer a doença que pode acarretar deixá-la fragilizada:

Não foi com quarenta mas com quase cinquenta anos que fez essa plástica, tempo do André? Conheceu nessa época aquele tipo de nome árabe, Oh! Senhor, e esse esquecimento acompanhado das agulhadas, o que significava isso? Leu o livro contando a vida trágica da bailarina da echarpe — e esse nome? Repetia as coisas porque não confiava na memória das pessoas ou porque não confiava em si mesma? O amigo poderia então alertar, Minha querida, você já disse isso. Um alerta em voz baixa, que ninguém mais ouvisse. Mas não era nesse ritmo manso que começavam aquelas doenças terríveis lá na zona nobre do corpo? Bonito de dizer, zona nobre.

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010 p.411)

A velhice torna-se um período da vida onde o prazer é negado à mulher, como quando Maria Leonor descreve sobre ter passado da idade de se preocupar com amores e prazeres.

Que não imaginasse que se tratava de uma doйдona sonhando com um marido ou um amante, Oh! Senhor, chega de cama, amante não. Tanto cansaço, um cansaço que vinha de longe, tanta preguiça. Ter que entrar novamente na humilhante engrenagem do rejuvenescimento, que mão de obra. Era alto demais o preço para escamotear a velhice, neutralizar essa velhice — até quando? Por favor, quero apenas assumir a minha idade, posso? Simplesmente depor as armas, coisa linda de se dizer. E fazer. O tempo venceu,

acabou. Até que chegou a reagir, recorreu a uma plástica, coisa leve, tinha quarenta anos e um amante vaidoso
(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.411)

Contudo, a personagem rompe com essa crença de que não teria direito de vivenciar o prazer quando se envolve com Julius. Isso pode ser interpretado como uma contestação por parte de Lygia Fagundes Telles a esse ditame a respeito da sexualidade na velhice. Como nota a pesquisadora Maria do Rosário A. Pereira, os envelhecimentos masculino e feminino costumam ser encarados de formas díspares no que se refere à sexualidade, pois, enquanto no primeiro é comum que nós atribuamos virtudes como “maturidade” e “experiência” e até mesmo sedução (na ficção, não é raro vemos os homens mais velhos na figura de conquistadores), às mulheres a velhice costuma ser relacionada com uma certa obrigação de ser casta e “pura”¹³. Algo que é possível notar nas “roupas da velhice”, nas quais substituímos as roupas por vezes chamativas ou charmosas da juventude por roupas consideradas “modestas”, sem atrativos.

Essa “idealização da vovó” é o que talvez coloque uma convenção social que, na verdade, acaba mascarando como as pessoas se comportam na realidade e gera como consequência a repressão de certos comportamentos que não seriam deletérios ou danosos aos indivíduos e à sociedade.

Maria Emilia em “Senhor Diretor” aparentemente tem não apenas um pudor religioso, mas no fim ela parece ter inveja dos corpos das mulheres das propagandas, dos filmes e da “meninada”. Ela se sente ofendida porque a mulher jovem a faz lembrar de seu corpo velho e que já não possui as qualidades atraentes. Na angústia dela que transpassara em seu pensamento, estava o temor e a lamentação diante da passagem do tempo:

Mas espera, vamos pelo princípio. Senhor Diretor: antes e acima de tudo quero me apresentar, professora que sou. Paulista. Aposentada. Paulista aposentada, olha aí a tolice. Professora que sou, aposentada. Com duas rugas fundas entre as sobrancelhas de tanto olhar brava para as meninas, não vou escrever esse pedaço mas me lembro bem do começo dessas rugas, querendo com elas segurar aquela meninada que vinha espumante como um rio, cobrindo tudo, tamanha força, uma classe depois da outra, uma depois da outra — por que me fazem pensar num rio sem princípio nem fim? Eu ficava sem voz de tanto pedir silêncio, a garganta escalavrada. Então olhava com essa cara e elas iam sossegando, durante alguns minutos ficavam com medo. Para recomeçar em seguida na maior algazarra, os peitinhos empurrando o avental, excitadas, úmidas, explodiam principalmente no verão. Eu evitava

13 Pereira, Maria do Rosário A. *Corpo feminino e envelhecimento na obra de Lygia Fagundes Telles*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2019, p. 2 .

roçar nelas quando voltavam do recreio, mais forte o cheiro ácido de suor e poeira, mastigando ainda a banana, o pão com manteiga. Os gritos, os risos, a raiva — tudo uma coisa só. No fim do ano, se despediam chorando, me davam flores. Todas me esqueceram. A marca ficou só em mim, nesse meu jeito de olhar as pessoas, vigilante, desconfiada. A verdade é que eu tinha medo delas como elas tinham medo de mim, mas seu medo era curto. O meu foi tão longo, Senhor Diretor. Tão longo.

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.158)

5. A VISÃO DA VELHICE COMO DOENÇA INCURÁVEL

A Filosofia, de forma geral, não deu tanta atenção assim para com a condição da velhice tal qual fez para a morte, por exemplo. Uma filósofa que tratou desse tema especificamente em alguns de seus trabalhos é Simone de Beauvoir, que tratou de refletir sobre as implicações da velhice e seus efeitos tanto na sociedade e no corpo numa perspectiva existencial da pessoa velha. Em sua obra “Sobre a Velhice”, ela elenca alguns fatos sociológicos e históricos para embasar sua opinião de que o velho é visto como um “peso” na sociedade porque deixa de ser produtivo:

[...] Entretanto, o drama da idade não se produz, então, no plano sexual, mas no plano econômico. O velho não é, como entre os antropóides, o indivíduo que não é mais capaz de lutar, mas aquele que não pode mais trabalhar e que se tornou uma boca inútil. Sua condição nunca depende simplesmente dos dados biológicos: fatores culturais intervêm.
(DE BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p.42)

Essa percepção influencia diretamente no modo como a sociedade costuma tratar a pessoa velha como “um outro” distinto do ser humano pleno, este considerado pela autopercepção da sociedade como “digno” ou “modelo”. Do ponto de vista do sujeito produtivo na sociedade (isto é, aquele que possui um emprego ou trabalho remunerado por exercer alguma função), o velho seria como alguém que “toma” seu dinheiro por meio dos impostos para poder viver o resto de sua vida sem ter que se preocupar em gerar valor para as outras pessoas na sociedade.

Essa situação tem como consequência uma certa “desumanização” do idoso, pois desperta o sentimento de que ele é um inútil que é carregado nas costas por todos os outros. O sujeito que vive a velhice percebe-se como numa condição degenerada em relação ao que estava vivenciando em sua juventude.

A questão da degradação do corpo e “da alma” é explorada no conto “A Presença”, em que um jovem vai a um hotel onde todos os hóspedes são pessoas velhas. Quero destacar uma passagem em particular onde um repórter tira a foto de uma atriz que está entre os hóspedes e a faz chorar por dois dias seguidos. Observando a atitude do repórter perante a atriz, é possível notar que a velhice dela não é tratada como uma passagem natural da vida, mas como algo quase circense, típico dos antigos “show de horrores”. A atriz sendo comparada com sua aparência jovem em contraste com a

daquele momento, já envelhecida, tira-lhe todo o traço de humanidade de uma forma tal como se o repórter e seus leitores fossem, sim, humanos, enquanto a atriz idosa é “uma coisa” a qual deve despertar sentimentos de nojo, de pena e, morbidamente, até mesmo de riso.

No segundo andar do hotel, por exemplo, vivia uma atriz de revista que fora muito famosa. Muito amada. Reduzida agora a um simples destroço, fechara-se na sua concha, apavorada com a curiosidade do público, com o realismo da imprensa ávida por fotografá-la na sua solidão, Mas o que vocês querem de mim? ela gritou ao repórter que conseguiu apanhá-la numa cilada e publicar a foto com a manchete que a fez chorar dois dias.

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.227)

A aparência torna-se uma das maiores dores que aflige a pessoa velha, em especial a mulher: no referido conto, descreve o alívio dos velhos com a remoção dos espelhos que estavam presentes no hotel. Isto ocorreu porque quando as pessoas associam o valor de alguém à aparência idealizada de um “ideal jovial e formoso”, esse alguém “perde valor” em relação a essas pessoas. A própria imagem refletida acaba tornando-se também um “acusador” que a todo momento faz a pessoa velha lembrar do estado em que se encontra:

Com esses, foram levados também os espelhos maiores, da sala de refeições e que ainda estavam em bom estado. A substituição nunca foi providenciada e nem se voltou a falar no assunto, mas seria mesmo preciso? Era evidente o alívio dos hóspedes livres daquelas testemunhas geladas, captando-os em todos os ângulos: mais do que suficientes os espelhos menores dos banheiros, apenas o essencial para uma barba, um penteado. Um irrisório carmim.

(TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 226)

Há de notar que a menção a “um irrisório carmim” alude àquelas maquiagens que se colocam no rosto para deixá-lo com uma aparência mais corada. A referência a carmim denota que a mulher velha que se maquia é “ridícula”, pois na velhice a mulher perderia o direito de ser vaidosa.

Algo semelhante ocorre com a personagem Mãezinha, de “As Meninas”. Em seu relacionamento com Mieux, ela era submetida a situações constrangedoras pela obsessão do companheiro em descobrir sua idade, a qual ocultava. Ela chegou ao ponto de desistir de casar-se para que não houvesse chance de que sua idade pudesse ser revelada em seus documentos. Por não querer que as pessoas soubessem o quão velha ela realmente era, essas investidas de Mieux a fazia constantemente sentir-se humilhada:

— Acho que morreria de desgosto se meu filho Remo ou Loreninha... Quero um enterro bem despojado, bem simples. Ela sabe até o vestido que eu quero vestir. A maquilagem que vai fazer, combinamos até os pormenores. O caixão só ficará aberto se eu estiver muito bem, caso contrário ninguém terá o prazer de me ver morta. Antes eu ficava em pânico com a ideia de morrer e Mieux ir bisbilhotar minha papelada, aquela papelada amarela que odeio, na certidão de óbito vem a idade, vem tudo. Só de imaginar a cara radiante que ele ia fazer quando descobrisse minha idade, rondou sempre querendo saber, não deixei. Nunca deixei. Na morte eu ficaria indefesa, está me compreendendo? Agora posso morrer sem medo, minha filhinha querida cuidará de tudo, aquele perverso não vai mais me humilhar (TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009, p.239)

Essa relação negativa que é atribuída entre “velhice” e “beleza” está associada com o pensamento de compreender a velhice como um período da vida marcado pela degradação do corpo e da mente. Na literatura e Lygia Fagundes Telles, esse dilema da velhice está presente nas experiências narradas por muitas de suas personagens mais marcantes.

Para Rosa Ambrósio, por exemplo, a velhice pode ser comparada a uma doença degenerativa que apodera de si e torna sua vida pior:

Foi numa manhã igual que o Diogo anunciou que os bichos só enxergam em preto e branco. — É o que dizem as pesquisas. Falsas, pensei. Rosona veio com seu robe d'interieur e seu espelho de aumento que odiava mas não podia ficar sem ele. O espelho dos horrores, dizia. Agora o esqueceu por completo mas nessa época carregava o espelho para onde ia. Até largá-lo nas mesas, nas poltronas, grande parte do tempo passava procurando o espelho e algumas outras coisas que ia achando e perdendo. — Ora, Diogo, você ainda acredita em pesquisa? Desde que o primeiro homem começou a envelhecer esses pesquisadores pesquisam a cura da velhice, a pior das doenças. Até o Diabo foi invocado mil vezes. Descobriram? Hem?!... (TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.31)

A personagem encara a velhice em si mesma como um período marcado pelas doenças onde não há mais nada que esperar pela vida. A própria velhice e a dos outros é retratada por ela sempre num tom que vai do inconformismo à lamentação. Para Rosa Ambrósio, o velho é alguém que está afundado nos próprios problemas que a própria condição da velhice os impõe:

— Nada se perde! Dionísia, hoje tenho Ananta? Hem?!... Ninguém responde. Lá vou me apoiar na muleta de vidro, fico falando e quando seca o cuspe ela diz, Continue. Milhares de explicações que não explico. Não sei o que essa pobre jovem pode fazer por mim. Nem ela nem um analista velho que os velhos já estão surdos, exauridos, tantos teoremas. Sem falar nas hemorróidas, nos enfisemas, nos gases. Afundados até as orelhas no próprio pântano, quem quer saber? Eu poderia gastar todo o cuspe do mundo explicando e não explicava, o que interessa está escondido. Eu Sei Tudo, dizia a revista da mamãe. Respondo agora, eu não sei nada. Sei que o corpo é do Diabo porque foi depois que rompi com meu corpo que me aproximei de Deus.

(TELLES, Lygia Fagundes. *As horas novas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010, p.57)

O retrato da velhice pintado pela personagem está diretamente relacionado com o juízo de valor que a sociedade imputa às pessoas velhas. No caso de Rosa Ambrósio, ela lamenta-se do fato da velhice tirar-lhe a beleza e, portanto, aquilo que sustentava o que mais valorizava em sua vida, que era atuar em papéis de destaque onde justamente estas duas qualidades eram de vital importância.

De certa forma, essa postura relaciona-se com uma recusa da velhice, isto é, o sujeito que observa a velhice do outro e a interpreta como a negação de tudo aquilo que ele põe de valor na juventude. Relaciona-se ao que Simone de Beauvoir disse a respeito do que observou do modo de agir das pessoas que, em suas palavras, se comportam negativamente em relação ao estado da velhice pois “a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiura, pela doença.” (DE BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p.42-43). Essa atitude subsiste mesmo quando os costumes de uma dada sociedade a condenam, podendo servir de exemplo as situações recorrentes de filhos de deixam os pais e mães em situações de insalubridade, mesmo quando o nosso costume geralmente trata tal atitude como uma perversão moral.

Essa atitude de recusa da velhice gera uma curiosa contradição uma vez que quem o faz normalmente não deseja morrer cedo, e é como se desconsiderasse que a inevitável consequência de uma vida longa é justamente o processo de envelhecer. Cícero, pensador e filósofo romano do século I A.C., dissertou a respeito dessa atitude em sua obra “Saber Envelhecer”. Tal contradição é enfatizada quando diz sobre a velhice que “todos os homens desejam alcançá-la, mas, ao ficarem velhos, se lamentam.” (CICERO, Marcus Tullius. *Saber envelhecer*. L & PM, 2011, p.7)

Em linhas gerais, Cícero usa dessa obra para fazer uma análise sobre a condição da velhice e sobre suas implicações na vida como um todo, refletindo ao longo de seu texto a respeito do que seria uma vida proveitosa. Cícero sugere que o melhor que nós podemos fazer conosco é que aceitemos a velhice como um inescapável ditame da natureza, parte da ordem natural do mundo do qual não teríamos porque (ou como) desejarmos que seja diferente:

[...] reparai que somos sábios se seguimos a natureza como um deus, curvando-nos às suas coerções. Ela é o melhor dos guias. Aliás, não seria verossímil que, tendo disposto tão bem os outros períodos da vida, ela se precipitasse no último ato como o faria um poeta sem talento. Simplesmente, era preciso que houvesse um fim; que, à imagem das bagas e dos frutos, a vida, espontaneamente, chegada sua hora, murchasse e caísse por terra. A tudo isso o sábio deve consentir pacificamente. Pretender resistir à natureza não teria mais sentido do que querer – como os gigantes – guerrear contra os deuses
(CICERO, Marcus Tullius. *Saber envelhecer*. L & PM, 2011, p.7)

Ele ainda cita que a pessoa velha ainda tem virtudes que fazem com que a vida dela ainda possa valer a pena ser vivida. Os lamentos que muitas pessoas fazem a respeito da velhice estariam ligados muito mais a elas deixarem de cultivar virtudes que se mantêm ao longo de toda uma vida e se apegarem naquilo que é meramente efêmero e de menor valor, como o prazer do sexo ou a vigorosidade do corpo. Para Cícero, a sensação de sofrimento na velhice estaria ligada às más escolhas individuais, que fica evidenciado quando ele atribui tais reclamações sobre a idade a algum tipo de falha de caráter:

É portanto ao caráter de cada um, e não à velhice propriamente, que devemos imputar todas essas lamentações. Os velhos inteligentes, agradáveis e divertidos suportam facilmente a velhice, ao passo que a acrimônia, o temperamento triste e a rabugice são deploráveis em qualquer idade.
(CICERO, Marcus Tullius. *Saber envelhecer*. L & PM, 2011, p.8)

Mais valoroso seria cultivar as virtudes intelectuais, por exemplo. O filósofo vê com maus olhos colocar o sentido de nossas vidas em coisas contingentes como a beleza ou a força, pois tais virtudes só teriam espaço na juventude, ao passo que alguém que as cultivava perderia aquilo que fundamenta sua vida ao envelhecer. As virtudes intelectuais, por outro lado, são mais perenes e podem ser cultivadas mesmo quando se está velho. Tais virtudes subsistiriam ao tempo e, por essa razão, seriam preferíveis em relação àquelas ligadas ao corpo, pois, como cita Cícero, na seguinte passagem, “Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer”
(CICERO, Marcus Tullius. *Saber envelhecer*. L & PM, 2011, p.11)

A proposta de Cícero quer servir como um caminho pelo qual seja possível se seguir uma forma positiva de se encarar a velhice. Mas ela deixa escapar algo: A velhice é algo inescapável e

natural da vida. Mas não quer dizer que as reclamações dos velhos sejam apenas consequências de uma vida mal vivida e pouco proveitosa.

Essa faceta da velhice, sobretudo feminina, é que Lygia Fagundes Telles costuma enfatizar em sua literatura. Retornando ao exemplo de Rosa Ambrósio, pode-se dizer que ela tem, em partes, razão em suas reclamações. Numa primeira leitura onde ela pudesse passar a impressão de ser uma pessoa ranzinza que só reclama da vida, num olhar mais caridoso podemos ver a Rosa como uma pessoa complicada. Não poder mais fazer o que ama da maneira que ama (atuar no palco num papel de destaque) a faz perder o chão.

Da mesma forma, Maria tem razão quando teme a doença, a demência e a perda da autonomia. São raras as pessoas que conseguem chegar à velhice com uma saúde boa, por exemplo. Não ter saúde boa implica necessariamente sofrimento.

Ao observar o desenvolvimento a respeito do pensar sobre a velhice, essa opinião desprestigiada do envelhecimento é bastante comum. Simone de Beauvoir, ao apresentar como a velhice era encarada desde a antiguidade, mostra como essa perspectiva pessimista é presente em muitas culturas por atribuir mais valor à produção e à beleza estética do corpo jovem. Uma vida valorosa implicaria um corpo sadio que é capaz de gerar riqueza e de ser bonito.

Em compensação, no Ocidente, o primeiro texto conhecido dedicado à velhice traça desta um quadro sombrio; este texto encontra-se no Egito e foi escrito em 2500 a.C. por Ptah-hotep, filósofo e poeta: 'Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope, e não se pode mais sentir nenhum odor.

(DE BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p.94)

A Rosa Ambrósio traz consigo essa visão da velhice. A sua saída dos palcos e perda de papéis principais por ser velha não é apenas sobre o drama individual de uma atriz decadente, mas pode ser entendido como uma alegoria geral da exclusão do idoso na sociedade. Uma exclusão que perpassa áreas mais gerais, que se relacionam com a exclusão da pessoa velha no sistema econômico e social, este último sobretudo no que tange à maneira como os outros veem aquele velho em relação a si próprios¹⁴

14 Márcia Regina Schwertner* Roseli Bodnar: *Trapos que aconchegam*: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles. *Estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 56, e569, 2019. p.5

Nas sociedades ocidentalizadas há um sentimento de desvalorização em relação à velhice. Mais do que apenas uma desvalorização da perspectiva produtiva — o velho como fardo para os mais jovens que trabalham e os sustentam com impostos— há uma crença negativa de que a velhice por si mesma é ruim, uma vez que é o momento da vida que nós perdemos aquelas capacidades ou características que tornavam nossas vidas valiosas.

Por causa da perda da vitalidade, das doenças, da queda do desempenho físico, da perda da beleza da juventude, a velhice é vista como um período decadente. É como se a pessoa estivesse apodrecendo ainda em vida.

A velhice, querendo ou não, é o estágio da vida onde perdemos autonomia, onde os outros decidem sobre o nosso dinheiro, a nossa comida, o nosso lazer e até onde nós moramos. Na velhice, para boa parte das pessoas, o indivíduo não tem poder de decisão sobre si mesmo. Numa idade bastante avançada, nossas opiniões ou vontades não são levadas a sério pelos outros. Quando nós adentramos a velhice, nossa voz já não existe mais.

Pior é para as mulheres: para muitas coisas, muitas delas não têm voz para decidir ou para opinar sobre si mesmas. Na velhice, a possibilidade de ter uma voz nem sequer é considerada.

A experiência da velhice torna o velho como um fantasma em vida, que esqueceu de morrer. Nessa idade é que os médicos, em situações de risco, costumam sacrificar em nome da “utilidade” de salvar uma vida jovem, aqueles que podem ser deixados para morrer, os velhos.

Uma pessoa que passou a vida toda trabalhando, por vezes um trabalho desgastante, tem de esmolar no fim para ter uma velhice tranquila. Os programas de previdência social, no fim das contas, são em sua essência uma espécie de “esmola” que os jovens da sociedade dão para os velhos quando estes já não “servem mais para nada”. É algo que possui duas faces: enquanto esse sistema existe por uma certa responsabilidade dos mais jovens e mais produtivos para com as pessoas aposentadas, estes mesmos aposentados são vistos como um peso para eles.

O velho é aquele que pode ser deixado para morrer sempre que possível. Num hospital, o velho é o primeiro que é sacrificado pelos outros.¹⁵ A sua vida tem menos valor que a de um jovem — perante a sociedade — porque o potencial de gerar valor (econômico, principalmente) é significativamente menor se comparado a de um jovem adulto ou de uma criança. O velho perde qualitativamente “graus de humanidade” conforme a idade avança.

O velho é como um fantasma antes mesmo de morrer. É como se a pessoa velha, muitas vezes, fosse um morto que esquecera de parar de respirar. Isso é visto no conto “Antes do Baile Verde”, onde a personagem Tatisa tem o pai doente, em vias de falecer, como empecilho para ir o rancho de carnaval. Ela tenta de todas as formas negar para si própria o fato do pai estar morrendo, porque ele, naquele momento, é um empecilho para que ela possa festejar no baile de carnaval:

[...] Ele não pode estar morrendo, não pode. Também estive lá antes de você, ele estava dormindo tão sossegado. E hoje cedo até me reconheceu, ficou me olhando, me olhando e depois sorriu. Você está bem papai?, perguntei e ele não respondeu mas vi que entendeu perfeitamente o que eu disse.

— Ele se fez de forte, coitado.

— De forte, como?

— Sabe que você tem o seu baile, não quer atrapalhar.

— Ih, como é difícil conversar com gente ignorante — explodiu a jovem, atirando no chão as roupas amontoadas na cama. Revistou os bolsos de uma calça comprida. — Você pegou meu cigarro?

[...] — Escuta, Luzinha, escuta — começou ela, ajeitando a flor na carapinha da mulher. — Eu não estou inventando, tenho certeza de que ainda hoje cedo ele me reconheceu. Acho que nessa hora sentiu alguma dor porque uma lágrima foi escorrendo daquele lado paralisado. Nunca vi ele chorar daquele lado, nunca. Chorou só daquele lado, uma lágrima tão escura...

— Ele estava se despedindo.

— Lá vem você de novo, merda! Pare de bancar o corvo, até parece que você quer que seja hoje. Por que tem que repetir isso, por quê?

(TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.55)

15 Para exemplificar esse fato, o caso da superlotação dos leitos hospitalares na cidade de Bérgamo, Itália, durante a pandemia do coronavírus em 2020 ilustra como a vida de idosos é posta na balança. O jornal Estado de Minas, baseando-se numa reportagem do britânico The Telegraph, relatou que o documento que estabeleceu o protocolo de atendimento para os pacientes, produzido pelo departamento de proteção civil da região de Piemonte, diz que “os critérios para acesso à terapia intensiva em casos de emergência devem incluir idade inferior a 80 anos ou uma pontuação no índice de comorbidade de Charlson (índice que aponta quantas outras condições médicas o paciente tem) menor de 5”. E ainda acrescenta: “Os critérios estabelecem diretrizes se a situação se tornar de natureza excepcional, a fim de tornar as escolhas terapêuticas em cada caso dependendo da disponibilidade de recursos, forçando os hospitais a se concentrarem nos casos em que a relação de custo/benefício é mais favorável para o tratamento clínico”. (CARNEIRO, Guilherme. *Coronavírus: Na Itália, vítimas com mais de 80 anos serão deixadas para morrer, diz jornal*. Na Estado de Minas, Belo Horizonte, 17 de Março de 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/17/interna_internacional,1129623/coronavirus-na-italia-vitimas-acima-de-80-anos-serao-deixadas-morrer.shtml>. Acesso em 12 de outubro de 2022.

Ela quer a todo instante acalmar o próprio desassossego da consciência. A juventude é um implorar pelo hausto de um futuro promissor. A juventude teme a morte porque sabe que um dia esta chegará, é preciso negá-la. A morte de um jovem choca, a morte de um velho não. É um peso que a humanidade descarrega, desde sempre, independente de essa ou aquela cultura não admitir porque a vida é assim. É instinto, não há exceções.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lygia Fagundes Telles realmente não propõe soluções para os problemas enfrentados pelas mulheres na velhice, sendo que este nem é seu objetivo com sua obra. Ela está mais empenhada em apontar a hipocrisia que existe nos relacionamentos, nas opiniões e nas crenças que as pessoas cultivam em nossa sociedade. Em suas personagens e nos dramas vivenciados por elas nas diferentes histórias que permeiam sua obra, aqui trazidas neste recorte, frequentemente encontramos sofrimento, dor, desesperança e tristeza; frutos de uma rede de dissimulações que estão desde as pequenas coisas, como nas roupas que se deve vestir para “se adequar à idade”, até em esferas da vida onde depositamos grande parte do que, para nós, é a razão de viver. Rosa Ambrósio, que perdera tudo quando deixou de ter destaque como atriz, é complexada com sua beleza ao ver o processo de envelhecimento que afeta sua aparência; os hóspedes do hotel de “A Presença” não têm disposição de olharem para si mesmos em espelhos, pois estes relevam o agir do tempo e seus efeitos estéticos, na saúde e nos laços com a família e com os outros.

Lygia Fagundes Telles desvela uma máscara da sociedade no qual muitas pessoas sequer admitem que usam, quando claramente demonstram desprezo pela pessoa idosa, nos estágios da vida no qual exige-se cuidado e atenção. Não apenas a negligência, mas também o preconceito que existem para com essas pessoas, em especial as mulheres. A cobrança para a mulher jovem de que beleza de sua aparência seria fundamental para defini-la como alguém de valor invariavelmente gera dor e sofrimento à medida que o tempo passa e sua beleza jovial se esvai.

A velhice feminina, envolta por opiniões hipócritas e por tabus sociais, acaba se tornando um período da vida muito difícil e sofrido, por vezes, sem assistência adequada quando esta pessoa encontra-se num momento de fragilidade (isto quando o idoso não está diretamente rodeado de agressões e de negligência). É difícil envelhecer até por quem ainda mantém uma boa autonomia, uma vez que as personagens velhas têm olhares direcionados a elas cheios de julgamentos.

REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvio Antonio Luiz . *Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries*. Significação, São Paulo, v. 47, n. 54, pp.251-270

CICERO, Marcus Tullius. *Saber envelhecer*. L & PM, 2011.

CROWELL, Steven, "Existentialism", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = < <https://plato.stanford.edu/archives/sum2020/entries/existentialism/> >. Acesso em 29 de Setembro de 2022.

DE BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

DE LA CRUZ CORONADO, Guillermo. *Lygia e a condição humana*. Letras de Hoje 22.1 (1987)

DE PAULA, Henrique Gonçalves. *Sobre a caracterização da forma do bem no livro VI da república e a superioridade moral e política do filósofo rei*. Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia 1.02 (2009): 74-89

GOMES, Carlos Magno. *As faces da escritora no romance de Lygia Fagundes Telles*. Errâncias do imaginário... Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015

INSTITUTO MOREIRA SALLES, *O escritor por ele mesmo: Lygia Fagundes Teles* (áudio restaurado). Youtube, 16 de abr. de 2013. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=X5i4o5lFvRw&ab_channel=imoreirasalles >. Acesso em 29 de Setembro de 2022.

KONSTAN, David, *Epicurus*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2022 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = < <https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/epicurus/> >. Acesso em 29 de Setembro de 2022.

NOGUEIRA GALVÃO, Walnice. Posfácio in TELLES, Lygia Fagundes. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018

PEREIRA, Maria do Rosário A. *Corpo feminino e envelhecimento na obra de Lygia Fagundes Telles*. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, 2019.

PLATÃO, *A república*, Livro VI, 505 a, Fundação Calouste Gulbenkian, Edição 9ª. 1987;

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes (1987)./ L'Existentialisme est un Humanisme, Paris: Les Éditions Nagel, 1966.

_____. *O Ser e o nada*, Petrópolis: Editora Vozes, 2007./ L'Être et le Néant, Paris: Gallimard, 1943.

SCHWERTNER, Márcia Regina; BODNAR, Regina. *Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles*. Estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 56, e569, 2019.

TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

_____. *As meninas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

_____. *Os contos*, 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2018.